

Ode ao levante

Joanna Macoppiⁱ

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis/SC, Brasilⁱⁱ

Resumo - Ode ao levante

Em consideração ao debate sobre mulheres-artistas-mães-pesquisadoras que cada vez mais invadem e/ou ocupam o universo acadêmico, reforça-se o enlace das histórias contadas pela dor. Corpos tecidas de fissuras, de luta, de resistência que seguem implorando pelo seu lugar de fala. E infelizmente encontram-se dentro desse mesmo tema, ainda que como um farol tentando por luz em silêncios que foram devastadores. Esse ensaio registra memórias e questionamentos acerca da participação efetiva em uma das disciplinas oferecidas no primeiro semestre do ano de 2023, do curso de pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC em regime concentrado.

Palavras-chave: Maternagem. Performance. Experiência.

Abstract - Ode to uprising

In consideration of the debate about women-artists-mothers-researchers who increasingly invade and/or occupy the academic universe, the link between stories told through pain is reinforced. Bodies woven of fissures, of struggle, of resistance that continue to beg for their place of speech. And unfortunately they find themselves within this same theme, even if like a beacon trying to shine a light on silences that were devastating. This essay records memories and questions about the effective participation in one of the disciplines offered in the first semester of 2023, of the postgraduate course in Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC in a concentrated regime.

Keywords: Maternity. Performance. Experience.

Resumen - Oda a la insurrección

En consideración al debate sobre mujeres-artistas-madres-investigadoras que cada vez más invaden y/o ocupan el universo académico, se refuerza el vínculo de las historias contadas por el dolor. Cuerpos tejidas de fisuras, de lucha, de resistencia que siguen pidiendo su lugar de habla. Y lamentablemente, se encuentran fortalecidos dentro de este mismo tema, aunque como un faro tratando de poner luz en silencios que fueron devastadores. Este ensayo registra recuerdos y cuestionamientos sobre la participación efectiva en una de las disciplinas ofrecidas en el primer semestre del año 2023, del curso de postgrado en Artes Escénicas de la Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC en régimen concentrado.

Palabras clave: Maternidad. Actuación. Experiencia.

Ode ao Levante

Abafaram nossa voz, mas se esqueceram de que não estamos sós¹
(Pra todas as mulheres - Canção de Mariana Nolasco)²

Era mais um dia 27 de março, desta vez, do ano de 2023. Dia em que se comemora o Dia Mundial do Teatro e o Dia Nacional do Circo. Na ocasião, desde cedo, eu e a amiga Sabrina de Moura, doutoranda em Artes Cênicas na mesma instituição que eu, trocávamos sobre nossos perrengues familiares com muita intimidade, acolhimento e dor. Ela com a mãe com diagnóstico de Alzheimer, uma doença neurodegenerativa crônica e a forma mais comum de demência, e seus muitos esforços para seu cuidado e bem-estar. E eu lembrando a atenção que tive com meu falecido pai que sofria do mal de Parkinson, uma doença degenerativa crônica do sistema nervoso central que afeta principalmente a coordenação motora. Os sintomas nele avançaram de forma muito rápida ao ponto dele necessitar de fraldas geriátricas, remédios fornecidos pelo SUS (Sistema Único de Saúde) auxílio para se locomover, comer até não responder mais por si.



Figura 1 - Cuidando do meu pai e da minha filha Lolla.
Fonte: acervo da autora.

¹ Música cantada no início da apresentação do *Sarau Narrar Mulheres* que aconteceu gratuitamente no dia 04 de abril de 2023, às 20 horas no Espaço 1 do DAC - CEART da UDESC.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SCzS5GRRZbE> . Acesso em 16 de abr. de 2023.

Trocando sobre, fomos iluminando esse caminho onde, juntas pela amizade de longa data, constatamos o quanto estas experiências nos moldam, estruturam e dilatam a cadência da vida e da morte. Almoçamos e quando chegamos na Universidade, brincamos com a ideia de que aquele seria, a partir deste ano, festejado como o dia do nosso padroeiro “o teatro”. Nada mais justo do que nomear e responsabilizar aquele que nos “salva” todos os dias dos nossos arranjos familiares, dos nossos padrões nucleares, das nossas escolhas de adultas sobre traumas de infância, enfim, cada um/uma com sua fé, não é mesmo? A arte ganhava naquele instante mais um degrau de importância, compreender e ser grata ao tanto de suporte que essa linguagem nos munuiu diante das tantas camadas da vida parecia ter de ser comemorado.

Me despedi dela e me percebi retornando ao lar, a UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, meu culto pessoal, para cumprir uma disciplina em regime concentrado, ou seja, em curto espaço de tempo, do Mestrado Acadêmico em Artes Cênicas, intitulada: *Seminário Temático II: “Criar Vozes, Narrar Mulheres”*, mediado pelas professoras doutoras Daiane Dordete Steckert Jacobs³ e MeranMuniz da Costa Vargens⁴.

Logo de cara a gente sabe que pelo título devia ser boa coisa. Mas assim, boa coisa? Eu tinha sido bem superficial. Foi surpreendente o tanto de conteúdo que brotou nestes oito dias desse efêmero coletivo. Eram pessoas de todos os cantos do país: Bahia, Maranhão, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina... Foi incrível!

Como uma das bibliografias básicas, calcamos esse percurso usando as palavras de Virginia Woolf (1928) com o livro *Um teto todo seu*. Livro este que provoca uma reflexão acerca das condições sociais da mulher e a sua influência na produção literária feminina. Um livro que já me era familiar, onde não só me reconheço como também sinto-me apoiada

³ Professora Associada do Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, na área de voz/interpretação. Doutora e Mestra em Teatro pela UDESC. Bacharela em Artes Cênicas com habilitação em Interpretação Teatral pela FAP - Faculdade de Artes do Paraná (UNESPAR). Diretora Geral do Centro de Artes da UDESC (gestão 2021-2025). É atriz, diretora, dramaturga, contadora de histórias e poeta. Pesquisa nas áreas de voz, atuação, performance, teatro performativo, teatro narrativo, contação de histórias, teatro feminista, teoria crítica feminista e estudos de gênero.

⁴ Atriz e diretora teatral, possui graduação em Educação Artística, Habilitação Em Artes Cênicas pela Universidade Católica do Salvador (1985), especialização em Composição Coreográfica pela Escola de Dança UFBA (1994), mestrado em *Ma In Theatre Arts Performance* - University of London (1997), doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2005) e pós-doutorado pelo Instituto de Artes da UNICAMP - SP (2010). Pós-doutorado pelo Centro de Letras e Artes da UNIRIO (2016). Atualmente é professora Associada da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Desempenha-se como coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC- UFBA) desde março de 2017.

por essa escritora, ensaísta e editora britânica, nascida em 1882, que parece nos falar de algum lugar no passado com tanto futuro que assusta. Em um dos trechos ela nos desafia e incita, fazendo uma verdadeira ode ao levante, dizendo:

Desde que vocês escrevam o que desejarem escrever, isso é tudo o que importa; e se vai importar por séculos ou apenas horas, ninguém pode dizer. Mas sacrificar um fio de cabelo de suas opiniões, uma só nuance de sua cor, em deferência a algum Diretor com um vaso de prata na mão ou a algum professor com uma régua escondida na manga, é a mais abjeta das traições, [...] (Woolf, 1928, p. 129).

Somos todas construídas de tantos silêncios que avistamos juntas o ensejo de escrever, de dizer, de cantar, de dançar e representar tudo o que desejamos. E sinto que, simplesmente, cansamos de nos sacrificar e sacrificar nossas histórias com nossos amansamentos impostos pelo patriarcado emudecedor.

Deduzi isso no primeiro dia, quando sentamos em círculo e iniciamos o que deveria ser uma breve fala de si, um contar-se “como modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade” (Rago, 2013, p. 56), como diria Margareth Rago, o espaço energético que se criou foi de tamanha segurança que, as personalidades devastadas pelos diversos tipos de violência (de gênero, sexual, física, moral, obstétrica, doméstica...), ocuparam o lugar daquela sala de ensaio. Aquela trama se materializou, nós personificamos aqueles fios que se encontravam e distanciavam a cada fato contado que se repetia na boca de uma e de outra. E quando digo ocuparam, quero dizer, encheram, lotaram, abarrotaram todos os cantos com nossas vozes, com nossas histórias, com nossas ficções, mas, principalmente com nossas dores. Todas nos comovemos, todas fomos atravessadas, todas fomos contempladas, se não pelas nossas próprias confissões, pelas confissões das outras. Pelo viés da dor e da luta, dividimos fatos que nos marcaram para sempre, o desnudar-se foi tão honesto que me senti avisada daquilo que não poderia voltar atrás. A estrutura machista, racista e classista era dominante e perversa. Era muito pra se haver consigo mesma, enquanto mãe, mulher, artista. Como não cansa de repetir Siba “Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar” (MUNDOSIBA, 2019, online)⁵, e eu havia sentido essa frase com toda minha musculatura naquela noite.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sqkepDZqq8>>. Acesso em 19 de abr. de 2023.

De meras desconhecidas passamos ao estágio de amigas de infância em questão de horas, era um embargo comunitário de invisibilização pessoal, profissional e emocional que vinha à tona. A desculpa era a disciplina, mas os nossos olhares atestavam a importância daquele encontro. E cada lágrima junto com as gargalhadas que soltamos dizia de nossas forças e de nossas fragilidades, estávamos diante das nossas impotências, mas não mais só, juntas! E por isso naquele momento éramos muito maiores que elas!

Sabia que era um privilégio voltar para aquele lugar que eu havia provado no ano de 2018, onde o terror estava dado, com Michel Temer (após Golpe) no poder e Jair Bolsonaro como candidato à Presidência do Brasil. Não me encontrava naqueles que me rodeavam, onde eu era minoria. Sempre me perguntava a quem interessaria o que uma mãe tem a dizer. Eram alunes de todos os lugares, alguns mais jovens outros nem tanto, porém, raras mães pesquisadoras inseridas naquele contexto. Neste presente, neste 27 de março de 2023, eram mulheres, mães em sua maioria, artistas, pesquisadoras como eu. E me senti podendo derramar, dividir: a criação antifascista, a culpa, o cansaço, o luto (vivido sozinha em isolamento social), a dor e o prazer também. Olhar pra elas e me ver em cada uma foi ensurdecedor e contagiante. Talvez a palavra pertencimento desse conta de dizer do tamanho da minha segurança ao conhecê-las e poder criar com elas e com suas histórias um teto todo nosso. Assim como o vírus da COVID-19 que há pouco nos isolou de 2020 até o final de 2022, esse contágio me deu contorno para me devolver ao bando. E diante desta avalanche que foi conectar-me presencialmente com cada uma destas presenças, senti a concretude que necessitava para continuar e honrei esse carecimento com tudo de mim. Poder deleitar-se no ordinário, no riso, na prática, na troca, de maneira artística, sem sentir-se obrigada a patologizar tudo que me rodeia, como foi nos últimos anos, e finalmente implicar-me em analisar que vozes falam, cantam, silenciam e gritam em mim, e por mim. E, fortuitamente, quem sabe, encontrar a minha voz em meio a tantas que me regem, oprimem, colonizam.

Federicci em *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista*, reforça que “Não cabe a nós colocar limites ao nosso poder, não cabe a nós medir nosso próprio valor. A nós cabe apenas a organização da luta em prol daquilo que queremos, para todas nós, nos nossos termos” (Federicci, 2019, p. 85). Sendo assim, é urgente que nos

conheçamos, nos ouçamos e nos fortaleçamos juntas e é imprescindível para organizar a luta saber quem estará nas trincheiras conosco.

E da mesma maneira como fomos solicitadas a dedicar-nos às leituras, fomos provocadas a escolher uma música e uma roupa afetiva. Dei de cara com uma dificuldade minha tão preciosa, meu sonho de menina: cantar para um público! Fiz muito isso em minha jornada, mas há muito tempo que não praticava. E percebi que nenhuma música que me vinha à cabeça eu sabia de cor. E isso me afetou, me incomodou. Logo eu, que cantarolo o dia inteiro? Não é possível que eu não ia conseguir memorar nada, nadinha! Ouvi várias canções, cheguei a perguntar pra minha irmã, e percebi que estava tomando a alternativa de não cantar algumas músicas, principalmente pelo que elas afloram em mim. Coisas estas que eu não queria mais olhar, nem sentir. Pós pandemia tenho tentado me proteger e percebi isso nestes instantes onde eu era chamada para uma decisão.

Investi na música *Reconvexo* de Maria Bethânia, que ainda que não soubesse ela inteira decorada, havia uma parte que eu conseguiria repetir sem muitos problemas. Então me deparei na dúvida pela eleição da roupa, e comecei a me responder que “meu afeto não estava nas minhas roupas”, a verdade é que isso não resolvia em nada. Estava mais para um auto boicote do que tentar justificar minha dificuldade. Talvez por eu ter modificado tanto da pandemia pra cá, que nem sabia mais o que me vestia, o que ainda me cabia. Eu entendia que aquilo que podia ser um simples gesto de seleção poderia estar se tornando uma tempestade em copo d'água.

Iniciamos os ensaios, as exposições, as participações nas dinâmicas e por fim, nem minha música nem minha roupa fizeram parte da composição de nenhuma das cenas criadas e nem da apresentação final. Quando chegou minha vez de apresentar, congelei, silencieei e chorei. Não conseguia pôr na ação, era como setudo o que voltava enquanto memória, me pedi um tempo a mais pra digerir. A água de dentro estava turva, mas minha mão não parava e minha cabeça também não, então eu escrevia, ainda que em metáforas, mas escrevia, aquilo parecia me ajudara organizar a bagunça interna. Então minha escrita tomou essa forma:

ESTOU CALEIDOSCÓPIO OU É HORA DE PAR(T)IR

Alguém já te cortou assim num lugar muito improvável? Já? Em mim sim.
A episiotomia é uma laceração grave, um corte realizado no períneo da mulher (entre a vagina e o ânus) que os médicos costumam fazer para evitar que ocorra uma laceração grave.

Tenho espasmos quando começo a adormecer, desde sempre. São muitos, são intensos, vem com força.

Aqui há uma semana tento olhar pra frente enquanto a frente insiste em olhar pra trás!

Sabe o caleidoscópio, aquele pequeno tubo que você aproxima dos olhos e gira delicadamente, onde então as cores vão pintando desenhos, e todos parecem dançar ali onde está fechado, mas que a luz insiste em entrar e ainda que presas aquelas miçangas, fragmentos de vidros, ou sei lá se movimentam... transformam, reformam, performam!

Queria construir novas histórias, para colecionar outras memórias, tenho pressa!

Eu vazava tanto, mas tanto, foram usados lençóis entre minhas pernas.

Era ela que chegava. E doía sabe, doía!

Tua placenta ficou grudada! Não grita!

Quer que eu chame a mamãezinha? Disse-me o obstetra!

Domingo é um sentimento.

Domingo de celebrar, de nascer, de morrer.

Minha filha nasceu num domingo, meu irmão partiu num domingo.

Parece que o domingo me escolheu pra acontecer, pra tecer.

O Ro não está bem!

Ele não está bem ou não está mais? Eu perguntava insistentemente.

Era pra ter sido um almoço em família, mas não chegamos a levar o garfo à boca. O celular tocou anunciando a pior notícia do mundo:

meu irmão se suicidou!

Minha irmã, gêmea dele gritou pra fora, eu irmã mais velha gritei pra dentro, minha mãe entregou. Caí, fiquei sem chão, fiquei sem ar, sem voz... morri!

Você já viveu depois de morrer? Eu sim. Tô morta, mas você me vê, não me vê?



Figura 2 - Morta Viva Fonte: Fotografia de Madu Maria.

Até que depois de me desculpar, li minha escrita para a grande roda, não tive como mostrar-me pouco emocionada, estava aos prantos. Essa era minha história mais recente, o pior dia da minha vida. Quando cavei meu próprio túmulo e me enterrei nele performaticamente, uma das amigas de turma fotografou e eternizou esse momento. Volto a dizer, sem a roupa escolhida, sem a música selecionada, nada parecia dar conta de um compilado de dores tão profundas.

Em suma, me reconheci e muito numa música que uma das amigas de sala trouxe, principalmente pelo que ela dizia, mas também porque essa eu sabia a letra de cor: *minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos, meu sangue latino, minh'alma cativa*. Eu havia interpretado ela por muitas vezes em apresentações noturnas com antigas bandas que fiz parte. Era *Sangue Latino*, uma canção escrita por João Ricardo e Paulinho Mendonça, lançada no primeiro álbum de 1973 do Secos & Molhados, banda brasileira da década de 1970. As estrofes que fizeram parte da nossa composição cênica parecia atribuir significado para muitas de nós, e não somente pra mim.

A minha música pouco apareceu, pelo meu medo de cantar errado, pelo meu medo de esquecer diante de todes. Isso já aconteceu comigo, faz bastante tempo, errei o Hino Nacional quando o entoava em uma formatura de Ensino Fundamental da escola que lecionei por dez anos. Recomecei. Firme da cintura pra cima, trêmula e frágil da cintura pra baixo. Nunca me esqueço. Foi um daqueles momentos que marcam de maneira muito desconfortável.

Quanto a roupa afetiva, ainda que não tenha entrado na performance, considero significativo dizer que cobriu uma das colegas que sentia muito frio no primeiro dia de aula por causa do ar-condicionado (um eterno divisor de opiniões) e em outro momento cobriu a filha de outra colega que adoecida acompanhava nosso ensaio de sábado, e acabou dormindo enquanto aguardava. Ou seja, talvez o maior sentido da minha escolha, se dava em continuar cuidando dos que estão ao meu redor com o que tenho, do que talvez aprender ou optar verdadeiramente a me colocar em primeiro lugar, ou ainda, me cuidar, quiçá, me maternar. Eu havia escolhido um casaco corta-vento, que tem por estampa várias mulheres em sua diversidade inclusive com o nome da coleção *Sou toda feita de mim*, da Cafofo Amei, da cidade de Jaraguá do Sul/SC, mães empreendedoras que já se tornaram amigas, pela coragem que tinha ficado marcada nele. Fiz minha primeira viagem de avião sozinha vestida dele com 40

anos de idade.



Figura 3 - Foto do casaco
Fonte: criado pela autora.

Depois da morte do meu irmão, toda atitude que tomo refere-se a esse luto, como disse Meran: “Fui embalada pela coragem que só a morte é capaz de promover” (Vargens, 2023, p. 6). E nesse estado de vulnerabilidade e ausência, fui chamada a estesia.

E ali nossas horas foram eternidade. Cada aula, cada ensaio, cada encontro originaram movimentos abundantes de muita lembrança, sensações e sentimentos. E nem tudo daquilo que se via era belo: fomos incitadas a maternar o único homem cis (nada de novo) da turma, como mulher e mãe fui impedida de gemer alto em cena por outra mãe artista tão fraturada pelo patriarcado quanto eu, tive que responder a mim a pergunta que

me atropelou em agosto de 2020 sobre o que fazer com a imagem da tragédia que a perda do meu irmão por suicídio havia me incitado, e acredito que o fiz.

Com efeito, suponho que eu deveria ter escrito isso quente. Mas, me deixei esfriar. A vida é rara. E ligeira. Nem sempre organizar as tarefas por prioridades são escolhas individuais. Precisei escolher onde botar o fogo. E agora, aqui, depois de uma apresentação que vista por mim, nomearia milagre, mágica, ou algo do tipo, mevi água de novo.

A quarta-feira do dia 05 de abril amanheceu trágica, a creche Cantinho Bom Pastor, que fica na cidade de Blumenau/SC, foi alvo de um ataque. O criminoso invadiu a escola, matou quatro crianças e mais cinco ficaram feridas, depois se entregou à polícia. Uma notícia que tem sido recorrente, desde agosto de 2022 temos acompanhado pelo menos um atentado por mês nas escolas do Brasil. Desta vez foi num centro infantil, a menos de duas semanas de outro atentado a uma professora de mais de setenta anos por um aluno armado com uma faca.

A madrugada tem me acordado às 5 da manhã, sem trégua nem dó. Os piores pensamentos irrompem a minha cabeça. Olho para fora, o dia ainda se confunde com a noite. Está escuro fora e dentro. Todos os dias a vida me pede para tomar decisões, nem sempre acordo certa delas, ou quase nunca. Levar minha filha à escola, ainda que seja uma lei que devo cumprir diante do estado em que vivemos, tem sido uma dessas angústias matinais, ou, a maior delas. Após o massacre na cidade de Blumenau no estado Santa Catarina, sinto que todos os medos que se vestiam de coragem se despiram na minha frente, se fortaleceram, e voltei a sentir o pé no peito. Aquele que começou a me visitar frequentemente no ano onde vivemos a maior crise sanitária dos últimos anos.

Para além de mim, como mãe de uma menina de oito anos, professora, pesquisadora e artista, todo meu círculo de amigos está diretamente envolvido com a educação e com a arte. Todos foram atacados de alguma maneira, de novo e de novo... E quando pensei que, assim como na estrofe que cantamos ao final da música *Germinar*⁶ de Flaira Ferro “*Tá na hora de reagir, entender que somos gigantes, ocupar o nosso lugar, acolher nossas almas. Nunca é tarde pra replantar, nossa terra é de amor infindo, a semente vai germinar, é assim que a vida é*”, não consegui reagir, e minha voz voltou a ser abafada, novamente pela tragédia, pela violência, que tem alvo certo dentro de uma cena neofascista.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WMTgWuYObE&t=2s>. Acesso em 16 de abr. de 2023.

Findo, me apoiando novamente em Federicci quando ela frisa ácida e certa que:

A literatura do movimento das mulheres demonstra os efeitos devastadores que esse amor, cuidado e serviço nos têm causado. Esses são os grilhões que nos têm prendido a uma condição de quase escravidão. Nós nos recusamos, então, a ter dentro de nós e elevar à condição de utopia a miséria de nossa mãe e nossas avós e a nossa própria miséria quando criança! Quando o capital ou o Estado não paga um salário, são aqueles que são amados e cuidados, e que também não são assalariados e ainda mais impotentes, que devem pagar com a própria vida (Federicci, 2019, pp. 75-76).

Quanto à condição de servir, paga inclusive com tantas vidas, não deixamos de questionar quais são os desafios para o enfrentamento dessa invisibilidade. E num desejo do não apagamento destas identidades, o cartaz de divulgação, construído para esse sarau performático que teve por título "Narrar Mulheres", marca com fotos de mulheres mães, irmãs, tias, artistas, e os nossos rostos também, porque não, quase que como um estandarte de resistência.

A finalização desta disciplina, que foi um grande presente confesso, encerrou de forma potente nesse conceito de sarau. Vibramos juntas em cena, cada uma representante de si e das suas. Um conjunto de dramas que se redizem, no entanto, com a fé atualizada em nós, com contentamento de repetirmos em voz alta aquilo que ninguém poderia dizer pela gente!

NARRAR MULHERES

Sarau performático resultante do Seminário temático II
 “Criar Vozes, Narrar Mulheres”, ministrado pelas professoras
 Daiane Dordete (Udesc) e Meran Vargens (Ufba) no Programa
 de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Udesc

Adriana Agostini Mello Petry Aline Razzera Maciel
 Bárbara Trelha Oliveira Bruna Maria Maresch
 Caê Linn Beck da Silva Carine Rossane Piassetta Xavier
 Carlos Eduardo Guimarães Medeiros Carolina Demaman Pommer
 Daiana Roberta Silva Gomes Daniela Maria Antunes de Souza
 Evelin Correia de Oliveira Tigrinho Joanna Oliari Macoppi
 Karin Juliane Bortoli Vanelli Karina Veloso Pinto
 Letícia de Fátima Arruda Maria Eduarda Teixeira Pinto Collaço
 Mariana Cesar Coral Mayra Montenegro de Souza
 Paula Batista da Silva Yonara Marques



04 DE ABRIL, 20H

ESPAÇO 1 DAC/CEART/UESC - GRATUITO

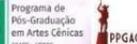


Figura 4 - Cartaz para divulgação do Sarau
 Fonte: criado pela autora.

Referências

FEDERICCI, Sílvia. **O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FLAIRA Ferro - Germinar (Flaira Ferro). Reverbo. Youtube. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WMTgWuYObE&t=2s>>. Acesso em 16 de abr. de 2023.

MARIANA Nolasco - para todas as mulheres [legendado]. Canal lualy. Youtube. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SCzS5GRRZbE>>. Acesso em 16 de abr. de 2023.

MUNDOSIBA. Siba - Toda Vez Que Eu Dou Um Passo / O Mundo Sai Do Lugar (Slight Return) (part. Mestre Nico). Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sqkepDZqqg8>>. Acesso em 19 de abr. de 2023.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

VARGENS, Meran. **Discurso de posse para a Academia de Ciências da Bahiá 8 de março 2023**. Escrita performativa. 2023.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro. 1928.

Relato recebido em 03/07/2023 e aprovado em 28/12/2023.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v4i02.49545>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozcena/>

ⁱ Joanna Macoppi - Artista, Pesquisadora, Professora, Arteterapeuta e mãe. Especialista em Arteterapia (2014) na Formação de Terapeutas realizada em Curitiba/PR pela Associação de Arteterapeutas do Rio de Janeiro (AARJ). Especialista em Yoga para Crianças, pelo Instituto Ananda Marga (2014). Graduada em Artes com habilitação em Bacharelado em Teatro - Interpretação (2008), pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Mestra em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora de Teatro desde 2005. Ministrante de oficinas arteterapêuticas para mães intitulado “Manhê” desde 2017. Atualmente está em cena no espetáculo “O Tapete de Maria” que estreou em 2007. Mãe de uma menina, teve licença maternidade de março à agosto de 2015. joliari@gmail.com.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5275338988451529>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4838-738X>

ⁱⁱ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Joanna Macoppi - Ode ao levantar.

Relatos - Revista Voz e Cena - Brasília, v. 04, nº 02, julho-dezembro/2023 - pp. 247-259.

ISSN: 2675-4584 - Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/vozcena/>